



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Processos midiáticos: um ponto de partida para um olhar comunicacional¹

Mediatic processes: a starting point towards a communicational perspective

Eloy Santos Vieira²
Caroline Govari Nunes³

Resumo: Este artigo propõe uma problematização teórica com o intuito de discutir questões comunicacionais a partir do conceito de Processos Midiáticos. Para isso, apresentamos alguns autores responsáveis pelo estabelecimento do termo e, em seguida, o tensionamos com a mediatização, mediações, e outros conceitos caros à pesquisa em Comunicação hoje. No bojo desta discussão, discutimos a importância de um olhar comunicacional e as imbricações entre comunicação, mídia e sociedade. Em seguida, abordamos também possíveis tensionamentos contemporâneos e convergências, buscando discorrer sobre os encontros entre tecnologia e comunicação. Por fim, pensamos os processos midiáticos na contemporaneidade e deixamos em aberto novas problemáticas comunicacionais possíveis.

Palavras-chave: Comunicação; Processos Midiáticos; Olhar Comunicacional.

Abstract: This article approaches a theoretical problematization in order to discuss media research through the Mediatic Processes as a starting point. So, at first, we present some authors who established the term and then we face it up with mediatization, mediations, and other concepts that value to contemporary Communication research. Along with this discussion, we debate the importance of a communicational perspective relating media and society. Then, we bring up some contemporary tensions and

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Comunicação e Bacharel em Comunicação Social – Hab: Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: eloy.jor@gmail.com

³ Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com estágio de Doutorado na McGill University (Canadá). Bacharel em Comunicação Social – Hab: Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: carolgovarinunes@gmail.com



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

convergences between technology and communication. At last, we propose a reflection about the mediatic processes underlying some new possible communication issues.

Keywords: Communication; Mediatic Processes; Communicational Perspective.

Considerações iniciais

A proposta deste trabalho é apresentar uma problematização teórica a fim de tensionar as inter-relações entre os sujeitos comunicantes e as mídias. Consequentemente, tensionamos também o conceito de mediatização propriamente dito quando refletimos sobre a necessidade de um olhar comunicacional e também adotamos o conceito de processos midiáticos como ponto de partida para tal reflexão. Sendo assim, propomos direcionarmos um olhar comunicacional sobre diversas questões contemporâneas que permeiam nosso cotidiano. Para isso, levantamos uma proposta de operacionalização a partir do conceito de Processos Midiáticos que perpassa pelo conceito de mediações. E, na tentativa de contextualizar tal debate, traçamos uma reflexão entre Mídia, Comunicação e Sociedade, com destaque para as intersecções com a tecnologia e algumas questões contemporâneas permeadas por ela.

Não é difícil constatar que atualmente é praticamente impossível imaginar nossa vida em sociedade sem a (oni)presença da mídia. Como lembra Luhmann (2005) ao falar do papel da mídia na construção da realidade: “aquilo que sabemos sobre nossa sociedade, ou mesmo sobre o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação” (p.15). Ao lidar com o mundo, estamos lidando com ele através da mídia basicamente da hora que acordamos até a hora de dormir: quando entramos num transporte público ou privado e ouvimos uma rádio, um *podcast* ou até mesmo um aplicativo de *streaming* no celular, ao chegarmos em casa e nos reunirmos com a família para assistir ao episódio final de uma telenovela, ou simplesmente quando trocamos mensagens com amigos ao longo do dia.

Para Sodré (2013), nós, enquanto indivíduos imersos numa sociedade em vias de mediatização, estamos imersos nesse “bios midiático”. Mesmo que possamos entrar e



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

sair, não temos muita escolha senão ter que lidar com a mídia. Negar isto seria algo bastante improdutivo para qualquer pesquisador da Comunicação.

Junto a esse movimento, surge também a necessidade de refletir como podemos estudar tantos fenômenos que rodeiam nosso cotidiano. Esses fenômenos contemporâneos que imbricam mídia, tecnologia, cultura, linguagens e estéticas – além de aspectos sociais, econômicos, políticos e filosóficos - demandam um olhar complexo que, por vezes, só pode ser obtido quando conseguimos lançar um olhar comunicacional sobre eles. Nosso esforço neste trabalho é exatamente este: propor uma reflexão acerca de uma operacionalização desse olhar comunicacional.

Para isso, traçamos alguns pontos específicos a serem abordados:

1. Comunicação, mídia e sociedade

Se pensarmos no conceito de Processos Midiáticos trazido por Gomes (2017), veremos que os processos midiáticos podem ser entendidos como um conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam mediante dispositivos (TV, jornal, livro, fotografia, etc) segundo diferentes linguagens (p. 36). Ou seja, os processos midiáticos podem ser nosso grande ponto de partida para conseguirmos seguir uma racionalidade epistemológica da comunicação. É ela que deve fornecer ao pesquisador os elementos essenciais para – a partir da mídia e de seus processos estruturantes e modos de produção – adquirir elementos essenciais para interpelar os inter-relacionamentos sociais e humanos contemporâneos (p. 38).

Além disso, segundo Braga (2006), devemos prezar por uma abordagem comunicacional transcendente, ou seja, uma abordagem que vá além da visão informacional e não esgote a potencialidade dos processos midiáticos nos subsistemas de produção e recepção. Assim, sua ideia é incorporar o que ele chama de “sistema de resposta social”. Esse conceito complementaria a processualidade de midiatização social geral uma vez que corresponde às interações sociais baseadas em produtos midiáticos.

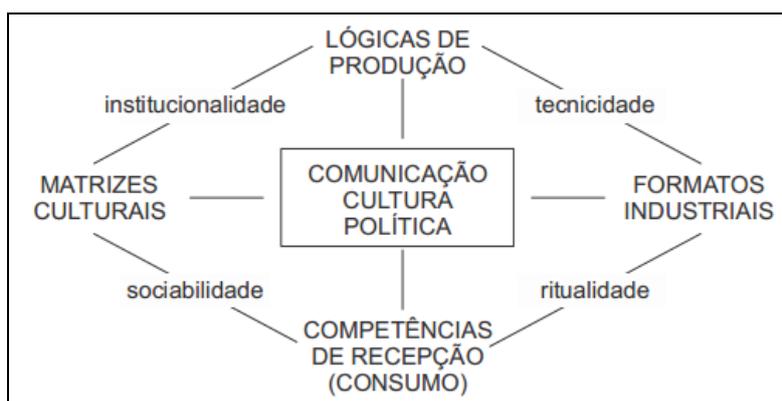


III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

2. A importância de um olhar comunicacional

Quando agregamos o conceito de “sistema de resposta social” ao de processos midiáticos conforme mencionamos anteriormente, reconhecemos a relação biunívoca e completamente imbricada, entre os processos sociais e os processos midiáticos. Ao fazer esse movimento, trocamos uma perspectiva midiacêntrica e obsoleta que via a Comunicação apenas a partir de dois polos distintos por uma muito mais flexível capaz de evidenciar as processualidades de fenômenos sociais mediados e não apenas suas estruturas.

Ao fazer esse movimento, Braga (2006) aponta a necessidade também de reconhecer a perspectiva das mediações de Martín-Barbero (2013). Segundo ele, o conceito operacionalizado pelo teórico radicado na Colômbia seria capaz de retomar o olhar comunicacional que tanto mencionamos ao trazer para o “sistema social de resposta” as bases do cotidiano e da cultura, ou seja, para que possamos compreender comunicacionalmente, devemos estar atentos a aportes pré e extramediáticos, algo que fica evidente no seu mapa (abaixo):



Proposta de atualização do mapa das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 16)

Esta proposta acerca da operacionalização das mediações é, na verdade, um complemento à sua versão original e que já nos traz algumas inquietações frente às mudanças que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, em especial em relação à globalização e a digitalização ao reconhecer a centralidade da comunicação em todos os grandes processos pelos quais passamos na contemporaneidade.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Assim, tem no seu mapa noturno, a grande síntese dessa proposta que, apesar de reconhecer este protagonismo da cultura, da comunicação e da política, não deixa para trás a importância de outras instâncias, especialmente da sociedade através das práticas cotidianas destrinchadas a partir das interpelações entre o popular e o massivo.

Ao mesmo tempo, ele nos lembra que, para que possamos lançar esse olhar comunicacional, é necessário fazer uma crítica às perspectivas tecnocentristas⁴ que colocam todas as discussões sob a égide da tecnologia ao invés de reconhecer os meios de comunicação como espaços-chave de condensação e interseção de poder e cultura.

Em suma, o que a proposta das mediações pretende é fazer uma passagem das estruturas aos processos. E, ao aliarmos essa proposta à do “sistema social de resposta” de Braga (2006), podemos ser capazes de pensar as configurações comunicativas nas mediações, ou seja, tirar a ênfase do sócio-anropológico – o que não quer dizer que devemos desconsiderá-lo – e priorizar o técnico-comunicacional, reconhecendo, portanto que a técnica tem sim um papel central, mas não deve ser considerada nunca a grande protagonista de todo esse processo (MIÉGE, 2009, p.37).

3. Sujeitos comunicantes em inter-relação com as mídias

Para refletirmos acerca dos processos sociocomunicacionais sob este olhar comunicacional, trazemos à baila Maldonado (2014), que apresenta uma proposta de aprofundamento e revisão do sujeito comunicacional, contextualizando as mudanças. O autor também aborda a emergência dos meios digitais e da necessidade latente de complexificação e uma atualização do conceito de “receptor”. Para ele, os sujeitos em comunicação (ou comunicador-produtor) são termos que podem ser usados para se referir a esse sujeito não-passivo e repensa as limitações de um paradigma – no caso, a recepção (problematiza uma certa tendência em analisar o receptor).

⁴ Vale lembrar que ele aprofunda essa crítica às perspectivas tecnocêntricas no artigo “Razón Técnica y Razón Política: espacios/tempos no pensados” quando aborda a ascensão simbólica da tecnologia em detrimento do esvaziamento da política a partir de uma abordagem heideggeriana (vide MARTÍN-BARBERO, 2004).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Outro ponto interessante trazido pelo autor é como agora as mídias digitais influenciam na formação psíquica – o narrar-se pela foto de perfil, pela biografia que escolhemos expor, etc. Então há uma imbricação entre sujeitos e mídias – o que não é possível pensar fora do contexto das culturas – pois como estamos discutindo ao longo de todo este artigo, há traços, restos, rastros e o conceito de mediações que nunca se esgota.

Falando em mediações e pensando que nossas atividades se misturam aos meios, entramos no que Martín-Barbero (2009) explica sobre mediação: os meios estão situados numa conglomeração de práticas, eles estão atravessados por elas. As mediações sociais (no que acreditamos) é que vão fazer a recepção e fazer com que essa recepção não seja algo passivo. O autor discute os meios e aponta o papel das mediações, e compreendemos que essa passagem é processual e acontece uma ruptura de fluxo e circuitos.

Mediação é o relacionamento que se estabelece entre receptor e o meio, e também a justificativa que a pessoa dá para esse relacionamento. Sintagma como referência que a sociologia não dava às mídias. Ela se expande muito mais do que as teorias das mídias. Martín-Barbero (2009) pensa a teoria europeia agregada à realidade da América Latina porque aqui tem suas particularidades, e por isso o desencontro de teoria/realidade é algo recorrente.

Portanto, o que entendemos aqui é a cultura pensada nas suas mestiçagens, no popular, no transnacional, pois a cultura não pode ser diminuída, reduzida. A cultura, apesar de ter um vínculo com o social, também tem dinâmica popular e tem elementos que atravessam elementos diferentes. Quando fala “dos meios às mediações”, Martín-Barbero (2009) não propõe um novo paradigma, mas diz que as condições concretas estão se alterando, não estão dando conta, e é preciso um mapa para a gente seguir. Não é uma estrutura enrijecida, e sim um conjunto de conceitos.

Em *Diversidade em convergência*, Martín-Barbero (2014) também tenta se mover neste campo complexo, no cenário agressivo do neoliberalismo e tenta pensar a noção de interculturalidade. Ele aborda a tradução linguística, as pluralizações e



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

hibridações, uma noção de identidade narrativa e o avanço da digitalização frente às novas lutas. O autor ressalta, ainda, que é importante olhar as complexidades, não cair em um pessimismo cultural, pois várias questões são construídas e reconstruídas nos processos históricos.

Pensando neste cenário, que engloba a relação direta entre a mediação e do avanço da digitalização, Mattelart (2014) complementa a ideia de Martín-Barbero (2014) quando aborda a genealogia dos usos e funções da tecnologia de controle social. O autor comenta que na década de 1990, com a crise do estado, há um esgotamento e reemergência dos estados neoliberais, onde o papel de vigilância do estado sofre mudanças e as tecnologias também entram em uma crise do capitalismo.

Com o avanço nas tecnologias digitais, novas formas de fichamentos e banco de dados são criados e o sujeito passa a ser coprodutor de um tipo de trabalho. Ainda, o que acontece é uma comercialização de dados: rentabilizar, por exemplo, uma fanpage no site de rede social Facebook ou no Instagram, prática que tem se expandido fortemente. Há, também, uma vigilância invertida – o que é muito bom para o sistema, já que os atores sociais agora vigiam suas próprias práticas. Essa questão da vigilância já aparecia nas pesquisas de Certeau (1994), onde o autor via os sujeitos presos em uma rede de vigilância, mas que tentavam resistir e fazer algum tipo de produção. Certeau (1994) não pensa os indivíduos como isolados, mas situados em um campo social, em uma estrutura.

Resumidamente, podemos dizer que o que temos na era digital é um sujeito em uma posição suscetível de ser constantemente vigiado. Não obstante, vigiados com permissão – já que assinamos contratos digitais com um rápido clique e concordamos em fornecer todos os nossos dados para redes como o Google e o Facebook. Estes são pontos interessantes para pensar as resistências e desvios que podemos fazer acontecer no cotidiano.

Além disso, se pensarmos em questões de nova cultura política, movimentos sociais e internet – e passarmos ao entendimento de uma cidadania comunicativa –, temos em Cortina (2005) alguém que recupera a teoria liberal da justiça, a necessidade



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

de considerar as identidades, pensar dentro das famílias – nós nos construímos cidadãos dentro de vários nichos (família, sociedade etc); então é essencial levar em consideração os direitos das comunidades, o sentimento de pertença. A autora revaloriza a necessidade de pertencer à sociedade, e isso nos faz pensar na importância que é fazer parte de coisas de bairro, mesmo, as pequenas junções que acontecem dentro de uma comunidade.

4. Tensionamentos contemporâneos

Em relação à discussão em torno da centralidade da tecnologia e de suas imbricações com a comunicação, podemos seguir dois caminhos conforme os eixos apresentados ao longo da disciplina. O primeiro deles diz respeito à questão da convergência e dos tensionamentos contemporâneos provocados pela evolução tecnológica entre os “novos” e os “velhos” meios.

Em consonância com a crítica barberiana sobre a ascensão da tecnologia enquanto grande poder simbólico do século XXI e com visão luhmanniana acerca da construção da realidade, Eco (1986) traz como exemplo desses tensionamentos o que ele chamou de “neotevê”. Para ele, essa nova televisão esvazia-se politicamente e mistura ficção com informação a fim de sustentar uma suposta realidade em que só a lugar para ela mesma e seu próprio público.

Já em Ladeira (2016), temos uma visão bem menos fatalista acerca da TV do século XXI e muito mais técnica em relação à fluidez do conteúdo a partir das possibilidades de digitalização e, por conseguinte, do *streaming*, mas o que não quer dizer que é menos crítica. De acordo com o autor, não é só porque estamos lidando com uma evolução tecnológica que devemos deixar pra trás o processo que nos levou à passagem do analógico para o digital.

É este movimento que podemos apreender também a partir de Aquino Bittencourt (2016) que faz questão de fazer uma recuperação histórica do que estamos chamando de convergência. Com este movimento, ela consegue não só apontar que este é um conceito que já nasce de um olhar de entrelugar entre a computação, a



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

radiodifusão e as tecnologias de impressão, como também destacar os princípios norteadores tais quais as questões da conexão, da interatividade/participação e da materialidade.

Num movimento semelhante, mas um pouco mais profundo, Cádima (2014) também faz essa recuperação conceitual, mas destaca que, o que chamamos de convergência hoje, na verdade é apenas um nome para mais uma ruptura estrutural propiciada e catalisada pela crescente digitalização e mediação da sociedade. Miège (2009) é um dos autores que melhor destaca isso quando defende que a convergência, no fundo, é uma construção social que se dá a partir das apropriações tecnológicas por parte da sociedade e defende que não podemos, em hipótese alguma, separar a técnica do social uma vez que as duas coisas estão ligadas por diversas mediações, especialmente as que dizem respeito à informação e à comunicação.

Por isso mesmo, torna-se imperioso para nós, sob uma ótica comunicacional, pensar as configurações comunicativas nas mediações e focar no que as possibilidades técnicas implicam nas práticas comunicativas contemporâneas. Sendo assim, nossa ideia é discutir sobre algumas mutações que os processos midiáticos vêm passando em meio a esse contexto comunicacional articulado cada vez mais com o desenvolvimento tecnológico e processos crescentes de mundialização e digitalização.

5. Convergência: onde comunicação, tecnologia e sociedade se encontram

Agora falando do lado da circulação, discutimos também sobre algumas formas de articulação entre a sociedade e os fenômenos da convergência, globalização e digitalização. Ou seja, adentramos, portanto, na imbricação entre os processos midiáticos e os processos sociais. Isso fica muito visível quando visitamos alguns autores que analisaram o comportamento das audiências em ambientes digitais que, dado o intenso processo de mediação, já organizam suas práticas sociais cada vez mais em função dos meios, e não ao contrário. E, partindo dessa imbricação entre



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

processos sociais e processos midiáticos frente ao paulatino processo de midiática, é possível refletir o papel da digitalização em meio a tudo isso.

Em Flichy (2016) podemos perceber que, apesar de a internet apresentar diversas potencialidades como a almejada democratização do acesso entre outros ideais libertários, ela também demanda uma reflexão sobre aspectos mais pragmáticos como as questões identitárias na contemporaneidade (uma vez que o indivíduo torna-se centro e se utiliza da cultura (midiática) para (re)construir suas identidades), a privacidade (ilustrada por um debate entre o público, privado e o íntimo na contemporaneidade) e o acesso à informação e a necessidade do letramento midiático (ou a habilidade de “ler mídia”).

Enquanto Flichy (2016) faz esse grande panorama ao analisar os espaços “conquistados” pelas pessoas comuns (ou “amadores” como ele mesmo chama), Carlon (2015) foca-se num debate em torno da midiática a partir da internet e analisa um caso contemporâneo em que constata a organização das práticas sociais em função do desempenho dos meios de comunicação e também a questão da relação entre cultura e tecnologia ao tratar da validade “cultural” da privacidade. Já Livingstone (2011) retoma o último ponto deixado por Flichy (2016) acerca da literacia para desconstruir o mito dos “nativos digitais”. Segundo ela, precisamos reconhecer circunstâncias extramediáticas para compreender o papel crucial do letramento midiático enquanto ferramenta de empoderamento por parte das audiências.

O que podemos ver bem claro entre esses três autores é o questionamento do *status quo* midiático provocado por essas mudanças de comportamento das audiências tem provocado. Sejam amadores, leitores, jovens ou internautas engajados, o que os autores demonstram é que posições institucionalizadas estão perdendo espaço.

O que não pode ser deixado de lado também em relação aos três textos, mas que perpassa-os de maneira latente, é questão do imaginário em torno da internet enquanto tecnologia. Se pararmos para refletir acerca desse movimento, veremos que ele segue alinhado com a proposta do “olhar comunicacional”, pois a visão dos três autores parte sempre da internet enquanto ambiente idealizado e, aos poucos, desconstruem essa



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

supervalorização da tecnologia a partir de suas análises sobre processos sociais imbricados aos processos midiáticos. No caso de Carlon (2015) e Livingstone (2011), isso emerge diretamente da empiria de onde conseguem reconhecer não só as potencialidades dos ambientes digitais, mas também suas limitações e, principalmente, a necessidade de debatê-las amplamente.

6. Processos midiáticos na contemporaneidade: novas problemáticas comunicacionais possíveis

Outro movimento possível é priorizar algumas questões contemporâneas que demandam um olhar comunicacional como é o caso da semiose, da vigilância e da discursividade que estão sempre interconectadas uma vez que estão concatenadas nos ambientes de circulação.

Primeiramente verificamos a partir de Baeza (2001) e Rosa (2017) a importância que a imagem passa gozar uma vez que a digitalização tornou isso mais fácil, não só do ponto de vista da circulação e da formação de sentido, mas também da imagem enquanto discurso midiático especialmente em se tratando da fotografia jornalística. Ao mesmo tempo em que Baeza (2001) chama atenção para uma suposta crise no jornalismo, ele também aponta uma saída que consiste num rompimento com a endogamia tradicional do jornalismo e uma busca pelo vigor e pela criatividade fora dele, como, por exemplo, na construção de sentido feita pelos próprios sujeitos. Deste modo, Rosa (2017) é complementar quando reconhece a instância da circulação como um potencial lócus para esta saída devido à capilaridade das imagens numa sociedade em midiatização.

Essa capilaridade das imagens em meio aos atores sociais também tem um papel fundamental na discussão acerca da vigilância. Que é um movimento semelhante ao que Virillo (1989) faz ao discutir as diferentes apropriações da imagem para finalidades de vigilância. Para ele, herdamos a lógica da representação pública a partir do final do século XX que consiste essencialmente na mutação das representações em que o espaço



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

público da cidade cede subitamente à imagem pública, que, por sua vez, suplantaria o espaço real tanto do sujeito quanto do objeto (p. 9).

É a partir dessa suplantação do espaço real pela imagem pública que emerge também uma discussão em relação, não só à privacidade, mas também às diferentes apropriações da imagem para finalidades de vigilância conforme também aponta Virillo (1989). E, como esperado, é praticamente impossível abordar a questão da vigilância sem invocar o conceito de panóptico de Foucault. Braga (2016) faz esse movimento ao falar da abrangência do termo e da polissemia que ele pode gerar, especialmente no contexto atual em que a vigilância é generalizada.

Além disso, outro movimento que Braga (2016) faz é o de destacar o papel da circulação em relação à vigilância. Para ele, o olhar comunicacional neste debate recai exatamente sobre geração e circulação de informações. Baumann (2016) esclarece um pouco melhor essa questão quando discute acerca do que ele mesmo chamou de “vigilância líquida” fazendo um paralelo entre o uso dos *drones* e das mídias sociais na nossa sociedade do consumo, pois, na sua visão, os membros da sociedade de consumo tornam-se mercadorias ao terem seus rastros de consumos captados.

Tendo em vista este cenário em que a internet é o grande fio condutor do processo de mediação, Abeles (2013) aponta os tensionamentos entre os processos midiáticos em escala global com as práticas sociais no âmbito de uma circulação global, com destaque para o papel dúbio da internet neste processo uma vez que ela pode ser uma grande plataforma de captação da subjetividade coletiva para fins mercadológicos ou de vigilância estatal, mas que também pode funcionar como um grande instrumento de resistência por parte da sociedade.

Todas essas preocupações pontuais com essas questões da significação e da vigilância apontam sobre a necessidade de olharmos para a circulação enquanto grande problema de pesquisa dado que ela se caracteriza por ser o espaço de imbricação entre os processos midiáticos e os processos sociais e, com isso, conseguirmos lançar o olhar comunicacional e complexificar o debate acerca dos processos midiáticos.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Esse movimento é bem ilustrado em Neto & Sgorla (2013) quando falavam da “geração de realidades” dentro das instâncias da circulação de forma autônoma e sob lógicas próprias. Assim, reconhecemos a necessidade de complexificar o que se entendia enquanto processos midiáticos uma vez que a circulação precisa de mais atenção enquanto problema de pesquisa. Ferreira (2017) complementa esta visão ao defender a necessidade de sairmos dos meios e trabalharmos com o que ele chama de circuitos. Somente desta forma seria possível entender que os meios não estariam restritos aos dispositivos e assim poderíamos reconhecer os aspectos técnicos, tecnológicos, semióticos, discursivos, linguísticos e sociais como constituintes dos meios e, por consequência, dos processos midiáticos.

Considerações finais

Procurou-se problematizar, ao longo deste trabalho, questões referentes a as inter-relações entre os sujeitos comunicantes e as mídias, tensionando diferentes conceitos a partir do conceito de mediação – e a partir daí desdobramos reflexões com o objetivo de pensar a necessidade de um olhar comunicacional sobre diversas questões contemporâneas que permeiam nosso cotidiano.

A ideia central deste texto não foi analisar, de forma ampla, algum objeto empírico específico – por isso, inclusive, não foram usados nossos objetos de pesquisa em si –, mas elementos que pudessem contribuir rapidamente para o entendimento de nossa reflexão teórica.

Observamos aqui a mídia como agente de mudança social, pois ela se integrou à rotina de outras instituições. Nossas atividades se misturam aos meios de comunicação e é preciso que novas lógicas comecem a ser instauradas.

Ao longo do texto, traçamos um percurso que partiu do conceito de processos midiáticos como um ponto de partida epistemológico comunicacional para se estudar mídia atualmente. Para isso, demonstramos através de alguns trabalhos como isso pode ser feito na prática e também como o conceito pode se aliar a outras propostas



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

complementares – como é o caso do conceito de mediações e de circulação – para que finalmente possamos lançar um olhar comunicacional sobre as questões contemporâneas que a demandam de forma mais satisfatória.

Com este movimento, o que destacamos é que, apesar da crescente necessidade desse olhar comunicacional, os aspectos extracomunicacionais são constituintes e não podemos entrar na Comunicação e nos aprofundarmos sem darmos a devida importância também a eles – com especial destaque para a Filosofia, Sociologia, e Antropologia – que nos ajudam a refletir as articulações entre Cultura, Economia, Sociedade, Tecnologia, Mídia e Comunicação.

Referências bibliográficas

ABELES, Marc. Internet, globalização, política. In: VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antonio; HEBERLÊ, Antonio Luiz O. **Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. A ilusão da convergência pelas barreiras da circulação no Facebook. In: MIÉGE, Bernard [et al]. **Operações de mediatização**. Das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. p. 95 – 118.

BAEZA, Pepe. EL escenario general de la imagen en la prensa. In: **Por uma função crítica da la fotografia de prensa**. Barcelona: Gustavo Gill, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Drones e mídia social. In: **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Vigilância: o alcance do processo e da palavra. In: CASTRO, Paulo César (org). **Vigiar a vigilância: uma questão de saberes?** Maceió: EDUFAL, 2016.

CÁDIMA, Francisco Rui. Sobre o digital: convergência, divergência, fractura. In: SÂÁgua, João; CÁDIMA, F. Rui. (orgs), **Comunicação e linguagem: novas convergências**. Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2014. p. 265 – 285.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** 1. Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p.91-106 e p.259-273.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005. p. 17-30 (cap. 1) e p. 139- 169 (cap. 6).

ECO, Umberto. **Tevê: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 182-204.

FAUSTO NETO: SGORLA, Fabiana. A travessia de Fátima Bernardes: “estamos todos órfãos”. In: OLIVEIRA, Ivone; MARCHIORI, Marlene. **Comunicação, Discurso e Organizações**. São Caetano do Sul: Difusão, 2013.

FERREIRA, Jairo. **As metamorfoses da circulação**: dos fluxos às questões de reconhecimento. Paper PPG-COM Unisinos 2017.

FLICHY, Patrice. Internet, um mundo para os amadores. In: Flichy, Patrice; FERREIRA, Jairo; AMARAL, Adriana (orgs). **Redes digitais**: um mundo para os amadores. Novas relações entre mediadores, mediações e mediatização. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

GOMES, Pedro G. **Dos meios à mediatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

LADEIRA, João. Audiovisual, televisão, streaming: uma exploração de suas formas e estratégias. In: MIÉGE, Bernard [et al]. **Operações de mediatização**. Das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. p. 119 – 160.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. In: **Revista Matrizes**. Ano 4 – nº 2 jan/jun. 2011.

LUHMANN, Nicklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MALDONADO, Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: _____ (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. 1 ed. Salamanca Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 17-40.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

_____. Diversidade em convergência. Matrizes, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 15-33, jul./dez. 2014. Disponível em <<http://periodicos.usp.br/matrizes/article/view/90445/93215>> Acesso em 17 jul 2018.

_____. Razón técnica y razon política: espacios/tempos no pensados. In: **Revista ALAIC**. Nº 01, 2004.

MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2014. Introducción (p.11-20); Cap. 6 (159-188); Cap. 7 (189-209)

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

ROSA, Ana Paula da. Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Ayla Kurdi e sua constituição em totem. In: **Revista Observatório**, v. 3, n. 1. Palmas (TO), jan/mar. 2017. p. 327-351.

PERUZZO, Cicília. M. K. A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultur@. In: XXI encontro Anual da Compós, 2012. **Anais do XXI encontro Anual da Compós**. Juiz de Fora, MG: Compós, 2012. p. 1-15.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. Capítulo 6 (p.191-225)

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola: 2002.

SODRÉ, Muniz. O socius comunicacional. In: E. VERÓN; A. F. NETO; A. L. O. HABERLÊ. (org.) **Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas, Editora Cópias Santa Cruz, 2013, p. 241-253.

VIRILLO, Paul. **La máquina de visión**. Madrid: Galilée/Cátedra, 1989.